

ELSINORE



MELHOR NÃO CONTAR

TATIANA
SALEM LEVY

*Mãe, este livro é para você.
E é também para a Lucia Murat e a Tania Salem, que,
na sua ausência, se tornaram as avós dos meus filhos.*

Nada daquilo que se passa na infância tem nome.

Annie Ernaux

Era um domingo, e eu, que costumo ser péssima com datas, cravei esta na memória: 3 de dezembro de 1989. Minha primeira lembrança com data.

Estou sentada no jardim da casa de praia do meu padrasto em Itacoatiara. Minha mãe, ele e eu deixamos as horas passarem lentamente, não temos nada para fazer. Abandono o olhar pelo contorno da piscina em forma de oito, sem azulejos, o cimento à mostra pintado de azul, e me perco em devaneios. Embora eu me lembre com detalhes desse dia, que me perseguiu durante os anos que vieram mais tarde, e continua me perseguindo agora, enquanto escrevo, não sei dizer por que a minha irmã não foi com a gente. Onde ela teria passado o fim de semana? Por que não estava ali para brincarmos juntas?

Minha mãe rompe o silêncio me perguntando por que não faço como ela e tiro o sutiã do biquíni. Sempre que podia, no terraço indevassável lá de casa ou em Itacoatiara, ela usava só a parte de baixo do biquíni. Quando comecei a usar sutiã na praia, dois ou três anos antes, ela não se conformou, Aproveita enquanto é criança e não precisa disso. E acrescentava, Sutiã é tão desconfortável...

Aos dez anos, tenho peitos que começam a ganhar volume, os mamilos despontando. Aos dez anos, e naquele dia em particular, tenho muito pouco controle sobre meu corpo.

Tá só a gente aqui, ela insiste. Para a minha mãe, ter os peitos de fora na praia ou na piscina significava ser livre; e essa liberdade, a das mulheres, pela qual tinha lutado e da qual não abria mão, era o primeiro mandamento lá de casa.

Meu sutiã, de cortininha, é lilás nos triângulos, rosa nas cordas. Levo o braço direito até a omoplata e desfaço o laço, deixando parte dos meus peitos de fora. Quando termino de tirá-lo, sou invadida por uma sensação muito diferente da que a minha mãe descrevia. Não experimento nada de confortável.

A nuvem que cobre o sol se afasta naquele instante, um raio violento me obriga a fechar os olhos e levo as mãos ao rosto. O calor também alcança os mamilos, e o desconforto vai se espalhando pelo corpo inteiro. Como as crianças pequenas que brincam de se esconder tapando os próprios olhos, pensando que, por não verem os outros, os outros não as veem, permito que o sol me toque até entre as pernas, que contraio, certa de que ninguém está me vendo. Volto a mim com o barulho do copo de cerveja caindo no chão, minha mãe ergue o jornal, Droga, meu padrasto se levanta para pegar um pano, um pequeno abalo naquela manhã plácida.

Depois, cada um volta para o seu silêncio. Estamos juntos, mas fazendo coisas distintas e solitárias. Na realidade, eu não estou fazendo nada, oscilando entre o tédio, que ocupa boa parte dos meus dias, e a excitação, que surgiu desde que tirei o sutiã. No chão melado pela cerveja aos poucos forma-se um trilho de formigas, e aqueles insetos andando de forma sistemática provocam o mesmo efeito do sol entre as minhas pernas. Aproximo o rosto para apreciá-las de perto, as patas pequeninas caminhando numa velocidade impressionante. Pego uma delas e ponho sobre minha barriga enquanto deito de costas no piso rígido. Sinto uma cócega ligeira, ela desce pelas minhas costelas e depois se perde, mas é como se eu a continuasse sentindo, o vestígio de suas patas sobre o meu ventre, um movimento sobre o meu corpo. Adormeço.

Mas é rápido, muito rápido. Lembro do barulho das páginas de jornal virando, minha mãe concentrada. Havia dois

movimentos: um, que fazia com que o exterior se fundisse ao meu interior, como se eles fossem uma coisa só, tudo parte do mesmo mundo, da mesma natureza, sem distinção de seres; outro, que me separava claramente do lado de fora, de modo tão radical que eu tinha a sensação de não ser vista por ninguém, que o que acontecia dentro de mim era tão secreto e tão meu que ninguém, jamais, descobriria.

Nos últimos meses, desde que os meus peitos começaram a despontar e entre as minhas pernas haviam nascido alguns pelos, sentia de alguma maneira que eu e minha mãe começávamos a nos afastar. Nada muito grave, apenas um incômodo, mais um, entre os tantos que de um momento para outro passei a sentir.

Mas os incômodos não me incomodavam tanto assim. Havia algo de prazeroso neles, e eu sempre tão facilmente levada pelo prazer... E pelas perguntas, que agora me descolam do chão e me fazem deslizar os olhos pelo contorno da piscina, o pensamento ininterrupto, o sol intenso sobre os peitos livres. Àquela altura, eu já esqueci por que tirei o sutiã, e até mesmo que tirei o sutiã ali na piscina, com a minha mãe e o meu padrasto ao redor. Levo um susto ao constatar que me sinto sozinha no mundo. Mais sozinha do que alguma vez imaginei.

Permaneço observando diferentes tipos de insetos que surgem na borda da piscina, duas libélulas que se cruzam no voo, colando-se uma à outra, tudo nos mais ínfimos detalhes. Toda forma viva desperta um poro da minha pele, até mesmo as folhas que balançam na jabuticabeira quando a brisa passa. Sussurro o meu nome pausadamente, sílaba a sílaba, Ta-ti-a-na, repito-o um pouco mais veloz, depois mais e mais veloz, até a palavra virar uma massa uniforme e sem significado. Não gosto nada do meu nome. Minha irmã mais velha herdou da nossa bisavó paterna o Djamilá, que significa *bela* em árabe; a Dina tem o nome da mãe

do nosso pai. Só eu ganhei um tão comum. Apesar da banalidade do nome, eu me sentia estranha, diferente das outras meninas, numa época em que tudo o que a gente quer é ser igual (como elogio, minha mãe me comparava a um camafeu; dizia que só os homens mais velhos podiam compreender minha beleza).

Aqueles mamilos só me faziam sentir ainda mais esquisita do que as outras meninas, para não falar nos pelos pubianos, vindos antes da hora, dez anos não é idade para isso. De alguma forma, sei que as coisas tendem a me acontecer antes do momento previsto; então eu as aceito, não completamente, mas aceito, e experimento o prazer enquanto meus olhos deslizam pelos insetos. Se eu fosse bonita, poderia partilhá-lo com alguém, penso enquanto amarro, naquele 3 de dezembro de 1989, um laço comigo, com a minha solidão, que vou levar vida afora. Uma promessa?

Isso eu não sei ainda. Por ora é só um acontecimento. Eu ali na piscina, aos dez anos de idade, os mamilos à mostra, o corpo descobrindo o prazer com tudo o que o rodeia — as formigas, as plantas, as libélulas, o sol, o vento, a água —, os sentimentos de feiura e precocidade inaugurando a relação entre prazer e solidão, e de repente a voz do meu padrasto, a voz doce e mansa do meu padrasto, junto com o gesto, o braço estendido, uma folha na minha direção, e o susto, o despertar repentino, como se me acordassem de um sono muito profundo, de um sonho palpável e real. Então seguro a folha e olho para o desenho que o meu padrasto esteve a fazer enquanto, sentada, eu olhava as formigas.

E aí é como se eu descobrisse, tarde demais, que tapar os olhos não é suficiente para os outros não me verem. Na folha branca, traços simples feitos com caneta azul contornam o corpo de uma menina sentada; uma menina sem rosto — sem olhos, sem nariz, sem boca — com um cabelo levemente encaracolado. Seus mamilos, apontando um para cada extremidade do papel,

chamam a atenção. Há mais tinta neles, foram desenhados com força. Estão eretos, reparo.

Então, outro acontecimento se sobrepõe ao acontecimento. Minha solidão foi invadida, está ali exposta no desenho, tudo o que eu achava que era só meu concentrado naquelas duas bolinhas de tinta azul.

Delicadamente, porque naquela idade todos os meus gestos ainda são delicados, repouso o desenho no chão, entro na piscina e vou nadando até a borda oposta, onde não tenho pé. De longe, vejo minha mãe segurando o desenho e sinto uma vergonha imensa, o coração acelerado, a sensação de que alguma coisa muito errada está acontecendo, embora não saiba identificá-la. Dou um mergulho e prendo a respiração, as bolhas soltas só quando não aguento mais. Não tenho grande resistência embaixo d'água, odeio fazer as aulas de natação para as quais minha mãe me obriga a ir duas vezes por semana, mas juro que a partir daquele dia vou me dedicar mais, preciso aumentar o fôlego, abrir os pulmões, minha mãe tem razão, penso, antes de inspirar fundo e mergulhar, na tentativa de atravessar a piscina por baixo d'água. Ela ainda segura o papel, quando eu, a menina do desenho, a menina da lembrança, a Ta-ti-a-na, ouço sua voz, Bonito, né? Discretamente, e por timidez, concordo com a cabeça. Ela afirma que o olhar do meu padrasto sabe enquadrar tudo tão bem, ele capta a essência das pessoas em poucos traços. Além de bom fotógrafo, de ser um cineasta que revolucionou o cinema brasileiro, também desenha com primor. A menina, na sua delicadeza, sorri e volta a nadar.

Minha mãe morreu no dia 24 de agosto de 1999, quase dez anos depois desse domingo em Itacoatiara e exatos quarenta e cinco anos após o suicídio de Getúlio Vargas.

Ela não viveu o *bug* do milênio, não viu a explosão da internet, dos telefones celulares nem das redes sociais; não viu as Torres Gêmeas desabarem, não foi revistada por todos os lados para entrar num avião, embora tenha sido longamente interrogada numa salinha da imigração francesa por causa de seu sobrenome árabe, que, no entanto, é judeu; não viu a guerra no Afeganistão nem a extrema-direita distanciando Israel da paz com os palestinos; não viu a extrema-direita subindo ao poder e destruindo o Brasil; muito menos a invasão russa na Ucrânia; também morreu sem saber que um dia um vírus nos trancaria em casa.

Passamos juntas a virada de 1998 para 1999 na cobertura onde moramos nos últimos dois anos de sua vida, com vista para a praia de Copacabana, a praia do Diabo e a pedra do Arpoador. Naquele ano, o forte militar lançou seus próprios fogos de artifício, que caíam sobre as nossas cabeças, e me joguei com roupa na pequena piscina do nosso apartamento. Minutos depois, quando as pessoas saíam da praia, descabeladas, esperançosas, excitadas com o início do último ano do século, quando lá em casa todos os convidados já haviam brindado e se abraçado, minha mãe me trouxe uma toalha; meus mamilos castanhos marcavam o vestido branco colado à pele, transparente.

Sentíamos que uma nova era começava, e, embora minha mãe lutasse contra um linfoma havia oito anos, nenhuma de nós — nem eu nem ela nem minha irmã — imaginava que ela morreria em breve. Até então, a doença estava bem controlada, empurrando a morte sempre um pouco mais para longe.

Nunca pensei que fosse perdê-la tão cedo. Quando nos contou que tinha um câncer nos vasos linfáticos, ela também nos disse que, com os avanços da medicina, teria provavelmente vinte anos pela frente. Fiz o cálculo e me agarrei àquele número: eu teria trinta e dois. Quando o médico assistente do dr. Halley me anunciou, lá em casa, que ela estava indo embora, era o tempo normal da doença, a primeira coisa que vi foi o número desabando à minha frente. Ela teria mentido? O médico teria mentido para ela? Ela realmente acreditava que os avanços da medicina a fariam viver tanto ou apenas queria que acreditássemos nisso?

Com a morte da nossa mãe, eu e minha irmã deixamos o apartamento de Copacabana. Os dois anos pegando sol sobre o piso de pedra, os mergulhos na piscina, a vista para o mar, o vento que às vezes trazia uma tempestade escura, as pedaladas matinais começaram, então, a se tornar uma lembrança longínqua.

Hoje, quando tenho que ir a esse apartamento por algum motivo, faço questão de percorrer todos os aposentos. Entro na banheira da minha mãe e consigo vê-la, colo-me à parede onde sua cama se encostava; vou ao meu quarto, ao da minha irmã, à cozinha, só para sentir o passado me tocar a pele — ali, tudo o que desmoronou me parece ainda intacto, preservado pela casa. Mesmo que tantas pessoas tenham morado lá, depois e por muito mais tempo do que nós, é como se a cobertura da Francisco Otaviano guardasse apenas a memória daqueles dois anos nos quais nos amamos tanto — e em que, apesar da doença,

ou talvez por causa dela, vivemos os dias com uma intensidade que poucas vezes eu encontraria depois.

Me assusto quando penso que faz mais de vinte anos que minha mãe morreu. Que ela não sabe nada da pessoa que venho sendo desde então, que ela não estava aqui quando publiquei meu primeiro livro, quando tive meus filhos, nem quando decidi me mudar para Lisboa, onde, por ironia do destino, nasci.

Terá perdido mais coisas do mundo ou da vida de suas filhas?

Terá perdido mais coisas do mundo ou da vida de seus netos e netas, que nunca a conheceram senão por nós?

Quando falo sobre ela para meus filhos, estou lhes mostrando como ela era ou como eu sou?

Quanto eu me pareço com ela?

Quanto eu sou ela?

Quanto ela sou eu?

Quanto resta de uma pessoa morta em nós?

Quanto de nós uma pessoa morta leva?

Todas as vezes que sofri por amor, chorei por nós duas. Todas as vezes que me apaixonei por homens mais velhos, impossíveis, comprometidos, neuróticos, chorei por nós duas. E em todas as vezes me lembrei da sua confissão, Me sinto realizada no trabalho, nas amizades, nas viagens, com vocês, menos no amor. E, junto, a preocupação, Tenho tanto medo que você me repita.

No seu medo, a falha, a praga — o desejo talvez?

O que passa de mãe para filha nem a mãe pode escolher?

Ou pode?

Aos vinte anos, quando perdi minha mãe, eu me tornei mulher uma segunda vez. Me desfiz de grande parte do que era dela — roupas, caixas, sapatos, objetos, móveis — e passei a carregá-la no ventre.

Posso ficar muito tempo observando a nespereira, a *ficus elastica*, o limoeiro e o prédio amarelo à minha frente, da janela da sala onde escrevo em Lisboa, neste inverno de 2022, mas vendo nós três — eu, minha mãe e meu padrasto — no chão de pedra à beira da piscina, no calor daquele fim de primavera em Itacoatiara. Olho para a paisagem e me vejo de biquíni aos dez anos de idade, à beira da piscina, só não consigo me lembrar com precisão que pensamentos me atravessavam enquanto eu me distraía com os insetos; no entanto, sinto agora exatamente o que senti naqueles longos minutos, naquelas horas, não sei quanto tempo ao certo ficamos ali nas nossas solidões, mas reconheço a intensidade daquele primeiro domingo das minhas férias de verão, reforçada pelo sol que se aproximava do fim da manhã. Tanta coisa num corpo tão miúdo que mesmo hoje, trinta e três anos depois, hesito diante das palavras. Só consigo dizer que observo a paisagem, que vejo a menina em volta da piscina, sinto o que ela sente. E não é pouco.

Desde aquele dia, o 3 de dezembro se tornou uma data na qual penso quando está se aproximando, como nos lembramos do nosso aniversário antes da hora. Sorri, não propriamente de alegria, quando a obstetra fez as contas e apontou 3 de dezembro de 2015 como o dia previsto para o meu primeiro parto.

No entanto, agora penso: se esse dia foi assim tão importante, por que nunca escrevi sobre ele?

Quanto trabalho, individual e coletivo, é preciso para que a escrita se aproxime dos acontecimentos?

Então, eu me pergunto: por que agora? O que me faz achar que as palavras em 2022 podem dizer a verdade escondida desde 1989?

Que menina é essa que sou eu e que há muito tempo deixou de ser eu?

Talvez a única forma de parar de sentir o que ela sente seja escrevendo o que ela sente. Haverá outra possibilidade de fazer com que a cena deixe de me perseguir?

Mas ela deixará de me perseguir?

Tantos anos escrevendo, e ainda acredito que a escrita cura? Eu, você, a menina, a jovem realmente acreditaram que escrever sobre a morte da mãe, ocorrida anos depois dessa cena, ajudaria a fazer o luto?

Esta é outra pergunta que eu gostaria de fazer: você já encerrou o processo de luto da sua mãe?

Quase todas as meninas da minha geração ganharam diários. Coloridos, pequenos, médios, grandes, com ou sem cadeado, adesivos, cheiro, ilustrações, havia para todos os gostos. A eles confiávamos nossos pensamentos e atos mais íntimos, nossas pequenas subversões, os segredos que não ousávamos contar nem à nossa melhor amiga. Aprendemos desde cedo a esconder sentimentos, ideias. Talvez por isso, quando uma mulher escreve, ela deixe reverberar essa escrita da sua infância, da sua adolescência, que se construiu na intimidade, com um corpo que, como a palavra, foi obrigado a se retrain, a se recolher.

Não escrevíamos para ser lidas; pelo contrário, escrevíamos para *não* ser lidas. E deveríamos continuar assim, vivendo em sussurros, trancando com cadeado o que nos acontecia — o menino de quem gostávamos, o primeiro beijo, as brigas com os pais, a incompreensão do mundo.

Pequeno, vermelho, com o desenho de uma Hello Kitty segurando uma xícara de chá na capa, o convite *Would you be free for a cup of tea?* e um cadeado hoje enferrujado, meu primeiro diário tem poucas páginas preenchidas. Em 1989, peço desculpas por ter ficado tanto tempo sem escrever. Em 1993, me revelo uma péssima escritora de diários. Abandono-o com frequência.

Em janeiro de 1998, fiz uma viagem com minha irmã e minha mãe à Turquia e à Grécia. O ano anterior fora marcado por uma quimioterapia, e pensamos que seria bonito, com o anúncio insistente da morte, seguir os rastros das origens familiares. Antes da partida, ganhei de presente um diário — dessa

vez sem cadeado. Capa verde, uma menina com roupa de balé, de costas, o rosto de perfil, as mãos sobre uma barra de dança, o cabelo amarrado em coque; acima, com letras amarelas, os dizeres: *Inesquecíveis momentos*. Acreditei que um diário de viagem seria mais fácil — teria mais sentido — do que outro qualquer. A cada dia, muitas novidades, muito o que contar. No início, levo a sério o projeto, mas com o passar do tempo torna-se claro que escrever nem sempre tem a ver com contar. No dia 15 de fevereiro de 1998, anoto: «Há nove dias que não escrevo; sinto que não consegui fazer um diário de viagem.»

Depois disso, nunca mais mantive um diário. No total, escrevi apenas dois, cada um com menos de um terço de páginas preenchidas. No entanto, acabei por me apropriar de outros dois, escritos por uma menina que tinha vivido sua adolescência na década de 1960 e que, anos mais tarde, se tornaria minha mãe.

Numa tarde em que voltou mais cedo do trabalho, ela entrou no meu quarto e me deu de presente seus diários de juventude. Um deles, um caderno de espiral comum, pautado, com uma mansão na capa e o escrito «Vencedor», narrava, da primeira à última página, o dia a dia de uma menina branca e rica de treze e catorze anos no bairro do Leblon, na cidade do Rio de Janeiro; o outro, acolchoado, trazia na capa o título *Meu Diário* com letras cursivas e douradas. Era o relato de uma viagem de navio pela Europa, que ela havia feito aos dezesseis anos, no qual contava o que tinha visto, sentido e pensado.

Algumas semanas antes, eu havia lido, quase por distração, que estava pensando em voltar a escrever um diário. Lembro de comentar que eu queria tentar de novo, uma espécie de treino. Afinal, se eu não conseguia lidar nem com um diário, como faria para escrever contos, poemas, romances?

Então, minha mãe apareceu naquela tarde e me deu seus cadernos. Nos dias que se seguiram, nos meses, anos, me debrucei

incontáveis vezes sobre aquelas palavras que não tinham sido escritas por mim, mas que poderiam ter sido: os diários que herdei da minha mãe se tornaram os *meus* diários.

Se eu quisesse acessar a minha intimidade, bastava ir a uma página qualquer dos diários dela. Se um dia eu tivesse a minha filha, quando ela se tornasse adolescente eu lhe passaria os diários da minha mãe como sendo os meus, as partes secretas das meninas da família se repetindo sem precisarem ser reescritas. Seríamos todas simbióticas, inteligentes, livres e amantes da literatura, e apesar de tudo isso, ou talvez por isso mesmo, sofreríamos por amores impossíveis.

Alguns anos depois de eu ter herdado esses cadernos, a minha mãe morreu, exatos trinta dias após a morte da minha tia Gilda. Eu estava saindo da casa do meu pai para ir à cerimônia que se realiza no último dia do Sheloshim, o primeiro mês do luto judaico, quando recebi o telefonema de uma amiga da minha mãe que havia ficado no hospital com ela.

Eu não estava presente na hora da sua morte. Não tratei do seu corpo. Não a vi morta. Quando a reencontrei, no cemitério, ela estava dentro de um caixão fechado, pois é dessa maneira que os judeus enterram seus mortos. Também não vi a minha tia morta. Na tarde em que a Gilda morreu, eu estava embarcando para os Estados Unidos, ia me encontrar com a minha mãe, que havia partido na véspera, na tentativa de interromper um herpes-zóster que se proliferava por seus olhos e a deixaria cega. Eu tampouco vira, três anos antes, o corpo da minha irmã mais velha, Djamila – nem nas horas que precederam sua morte, no Miguel Couto, nem depois. Os adultos que estavam no hospital não deixaram que suas três irmãs – uma delas, materna – a vissem desfigurada pelo acidente de carro no aterro do Flamengo.

Aos vinte anos, eu, que tinha crescido no meio de tantas mulheres, de repente me vi apenas com a minha irmã mais nova e um vazio enorme, uma dor sem fim. Quando penso nesse tempo, sinto algum alívio por já não morar nele.

Muito cedo, coloquei na cabeça que para ser escritora eu tinha que sofrer; quanto mais triste fosse a minha vida, mais legítima seria a minha trajetória. Uma ideia fora de moda nos anos 1990, mas que absorvi por causa das leituras que fiz naquela época, das biografias que li de alguns escritores, da qual se tornou difícil me desligar. À medida que os desastres iam acontecendo, e eles foram acontecendo cedo, eu os interpretava como um sinal de que era aquilo mesmo: eu podia continuar escrevendo.

Lembro que, tanto no enterro da minha irmã quanto no da minha mãe, eu me sentia profundamente dentro — chorava até meu corpo não aguentar —, mas também fora, como se eu fosse uma espectadora, observando a dor dos outros e a minha própria. Eu vivia e escrevia ao mesmo tempo. Havia uma espécie de inversão perversa e autocentrada das coisas, como se estivesse predestinado que aquelas mulheres morressem para eu escrever. A escrita só existiria a partir da perda, com a perda, uma loucura que não me largava, porque tinha se consolidado muito cedo na minha cabeça, no meu corpo. E as coisas que a gente interioriza quando está se formando são muito difíceis de serem revertidas.

A cada morte que vivenciei, o que mais ouvi foi, O tempo cura tudo. Eu baixava a cabeça em sinal de concordância, porque eu não ia discordar de quem estava ali para me dar a mão, mas por dentro eu sentia muita raiva desse consolo, do tempo que já tinha passado, que ia passar e que eu não queria que passasse. Eu só me dizia: Tempo nenhum vai tapar esse buraco, amenizar a dor — foi o que encontrei no verso da Emily Dickinson que tomei emprestado para a epígrafe do meu primeiro romance.

Escrever *A chave de casa* foi, sem que eu soubesse, parte do meu processo de luto, embora naquela altura não tenha feito doer menos. Continuei chorando a morte da minha mãe todos os dias.

Escrevo isto agora e parece que é sobre outra pessoa. Tenho dificuldade em acreditar: eu chorava mesmo todos os dias? Quando foi que parei? Quando foi que o tempo passou?

São mais anos sem a minha mãe do que com ela, embora esta frase esteja equivocada do princípio ao fim, tanto pelo fato óbvio de que o tempo é experimentado de forma relativa e subjetiva, quanto pela constatação de que fazer o luto não é apenas aprender a viver *sem* os mortos, mas também, e talvez sobretudo, a viver *com* eles.

Apreendi a viver com a minha mãe de várias formas: em silêncio, nos sonhos, na escrita, relendo suas cartas e seus livros, falando dela para os meus filhos, dando gargalhadas expansivas, transformando em meus amigos muitos dos seus antigos afetos.

E haveria sempre os diários, que eu poderia ler, reler, uma companhia na minha solidão.

No entanto, um acidente doméstico, na mudança da casa do meu pai para o apartamento onde minha irmã e eu viveríamos juntas por sete anos, fez desaparecerem caixas com memórias da nossa vida: alguns álbuns de fotografias da minha irmã mais velha, os álbuns de juventude da minha mãe, a correspondência das duas, uma fotografia original do Manuel Bandeira com a Elizeth Cardoso, que na adolescência eu deixava pendurada no meu quadro de cortiça, as fotografias da minha mãe entre soldados egípcios na guerra do Yom Kippur e seus diários de adolescência, que eu havia tornado meus.

Ao longo dos vinte anos que se seguiram, sempre que eu arrumava os armários do meu apartamento no Rio de Janeiro, me invadia a esperança de dar de cara com eles, Quem sabe não

teriam sobrevivido ao acidente? Quem sabe um dia eu não abriria suas páginas, sentiria seu cheiro de folhas velhas, deixaria os olhos deslizarem pela letra cursiva e quase incompreensível da minha mãe?

Então, decidi escrever sobre a relação simbiótica entre uma mãe que escreve e uma filha que escreve, a partir da falta desses diários. Um livro também sobre o fim do luto. Com a passagem do tempo — aquele que as vozes me diziam que amenizaria a dor —, posso dizer que o luto acaba?

Eu estava escrevendo sobre os diários perdidos havia alguns meses, quando o inesperado aconteceu. Minha irmã tinha se mudado para Laranjeiras, o bairro onde vivemos nossa infância e adolescência, e me mandou duas fotografias por WhatsApp: a capa de cada um dos diários da minha mãe. Ela os havia encontrado numa das várias caixas de papelão da mudança, uma das últimas a serem abertas. Era véspera do meu retorno a Portugal, depois de dois meses no Rio de Janeiro, recém-separada do pai dos meus filhos. Peguei um táxi e fui correndo até sua casa. Este livro já não poderia ser sobre os diários em falta.

5

Este livro é também sobre um segredo. Um segredo que não consegui — não pude, não quis — contar à minha mãe, tampouco aos meus diários.

Todo mundo conhece os peitos da tua mãe, diz uma amiga oito anos depois do episódio da piscina, com um sorriso que é seu até hoje. Será?, retruco. Ela não faz a menor questão de os esconder, afirma. Não sei se há crítica nas suas palavras, mas há humor, e também ternura, porque essa amiga, que também escreve, se entendia muito bem com a minha mãe. Quatro anos mais velha do que eu, entrou na minha vida no ano em que a Djamila morreu — e ficou.

Da minha mãe, tenho um segredo. E toda uma vida que ela não conheceu.

Não sei quantos segredos ela teria de mim, quantos segredos nunca vou conhecer.

A minha amiga tem vários. Faz parte dela ter segredos. Ela não gosta que nada seja grave. Então, espera o tempo passar, espera muito, e de repente, numa conversa banal, num café da manhã em sua casa, ela revela algo drástico do seu passado como se eu já soubesse. Foi assim, por exemplo, que me falou de um aborto mais de vinte anos depois. Como se nada fosse, ela comentou, Acho que eu nunca tinha te contado. E vida que segue, porque afinal vinte anos já tinham se passado.

Na hora em que as coisas acontecem, essa amiga que também escreve acha que nomeá-las as torna reais em excesso. Ela não gosta de sobressaltos, tem receio dos meus dramas, que, diz ela, fazem tudo ficar mais intenso. Pouco depois da morte da minha mãe, seu irmão mais novo teve o mesmo câncer do qual ela havia morrido. Tudo começou com uma dor de garganta que não

passava e uma série de exames. Quando lhe perguntei sobre o resultado, ela deve ter hesitado, mas preferiu me dizer que era só uma inflamação. Alguns meses depois, encontrei-o num evento, sem cabelo.

Demorou, mas acabei compreendendo os segredos da minha amiga como parte dela. Parei de querer que me contasse tudo. E assim, vez ou outra, num café da manhã, descabelada, de pijama, com a maior naturalidade do mundo, esvaziada de peso, ela me revela alguma história difícil da sua vida, da qual eu talvez tenha participado sem saber, em silêncio.

Quando contei o segredo que guardei da minha mãe para ela, a minha mãe ainda estava viva. Ela achou melhor eu não contar.

F., outra amiga, mais antiga, também achou melhor eu não contar.

L., uma amiga da escola, também achou melhor eu não contar.

M.F., uma amiga da faculdade com quem troquei uns beijos numa noite, também achou melhor eu não contar.

V., uma paixão, também achou melhor eu não contar.

M.B., um namorado, também achou melhor eu não contar.

A ex-psicanalista da minha mãe também achou melhor eu não contar.

A minha irmã, quando soube, a nossa mãe já tinha morrido; então ela me disse, Preferia que você não tivesse me contado.

Se fosse hoje, eu responderia, Eu também preferia que não tivesse acontecido.

«Ah, não, em sussurro já foi até aqui. Agora você vai gritar bem aaaaalto, vai deixar a menina tímida de lado, vai escrever num tom de voz límpido e forte tudo o que aconteceu com você; tudo o que você não contou à sua mãe e te sufocou esses anos todos. Você vai gritar e vai se perguntar, Quais eram, quais são meus verdadeiros medos? (...) Escrever, ou escrever-se, dói mais do que contar.»

Tatiana, a autora e narradora deste livro, decide enfrentar os seus demónios interiores, expondo os episódios que a marcaram enquanto filha, irmã, amante e mulher. Da relação com a mãe e choque pela sua morte prematura, ao terrível segredo sobre o padrasto, do trauma de uma interrupção voluntária da gravidez à profunda solidão provocada por todos estes acontecimentos, nada fica por contar. Um relato da intimidade tornado literatura através de uma escrita visceral e consciente de si mesma que transforma a experiência pessoal em coletiva e prende o leitor à página, ansiando, na melhor tradição do romance, pelo desfecho da narrativa.

«Tão visceral quanto milimetricamente calculado para ser uma grande obra; tão íntimo (mergulhamos em diários) quanto abrangente e facilmente reconhecível no histórico de tantas mulheres; tão bem escrito quanto insuportavelmente doloroso; tão escandalosamente feminino quanto leitura obrigatória para os homens.»

TATI BERNARDI, A FOLHA DE SÃO PAULO



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN 9789897879692



9 789897 879692 >